

1. Introdução

Apesar do progressivo decréscimo do ritmo de crescimento experimentado pelos núcleos urbano-metropolitanos do Sudeste na última década, quando esses espaços passaram a atrair relativamente menos indústrias e migrantes do que na década anterior (ampliando-se o desemprego e a exclusão social), suas periferias apresentaram um significativo poder de atração populacional.

A ocorrência de um processo de desmetropolização, sem que o tamanho urbano das metrópoles diminua foi discutido por Santos (1996). Segundo este autor, as metrópoles continuarão a crescer, apesar de sua “involução metropolitana”, com a coexistência de atividades com diversos níveis de capital, tecnologia, organização e trabalho; por sua própria composição orgânica do capital e do espaço, permitem a convivência dentro do seu espaço de capitais (e trabalhos) os mais diversos. Onde, poderão continuar a receber imigrantes e a acolher populações pobres e despreparadas.

A volta da importância da metrópole foi comentada também por Davidovich (2004) ao mensurar o universo metropolitano que em 2000 reunia mais de 64,5 milhões de pessoas, ou seja, 38% do total da população brasileira. Entretanto, o ritmo de crescimento das metrópoles brasileiras na última década apresentou-se diferenciado. No caso do Rio de Janeiro, apesar de ter apresentado uma baixa taxa de crescimento populacional (0,74%) e uma taxa líquida de migração negativa (-0,13%) detinha em 2000 uma população residente total da ordem de 5.857.876 pessoas e um montante de 1.708.922 migrantes (29,17% da população total da metrópole).

Justifica-se, assim, a importância dos estudos sobre a diferenciação sócio espacial na metrópole a partir da identificação dos espaços ocupados por diferentes grupos populacionais, com destaque à população migrante, objeto deste estudo. Para tal, torna-se relevante a discussão de elementos teórico-metodológicos referentes ao “espaço social” e as proposições vinculadas à teoria das “áreas sociais”.

2. Questões Teórico-metodológicas.

As questões que se colocam para reflexão neste trabalho e que levariam à definição de “áreas de migração” podem ser assim sintetizadas:

- a) O fenômeno migratório tem a mesma importância e o mesmo significado em toda a cidade do Rio de Janeiro? Ou seja, o fenômeno migratório impacta numericamente todas as áreas de forma igual?
- b) A condição migratória tem relação, na cidade do Rio de Janeiro, com os fatores básicos formulados pela teoria clássica em áreas sociais (Shevky e Bell (1974,1955), a saber, “status socioeconômico”, “urbanização e “segregação”?

* Trabalho apresentado no XII Encuentro de Geógrafos de América Latina/EGAL 2009. Montevideo, Uruguay.

† Agradeço ao Prof. Roberto Lobato Corrêa pela discussão na formulação deste trabalho.

‡ Este trabalho contou com a colaboração de Camila Vieira na construção do banco de dados e na organização das informações estatísticas.

§ Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.

Como meio para operacionalizar a segunda questão, nas condições da cidade do Rio de Janeiro em 2000, incluindo as informações então disponíveis, pergunta-se que variáveis descrevem os fatores básicos formulados por Shevky e Bell (1974, 1955) para identificação de áreas sociais.

Para tal, faz-se necessário uma recorrência, ainda que geral, à teoria das “áreas sociais”, sobre a qual se embasará a discussão da possibilidade da construção de “áreas de migração” na metrópole do Rio de Janeiro.

Segundo Corrêa (2004:1), “o espaço social refere-se á diferenciação espacial dos grupos sociais que vivem na cidade, distintos entre si de acordo com atributos como renda, sexo, idade, etnia e religião, entre outros”. De acordo com o mesmo autor, “a divisão social do espaço intra-urbano resulta do processo de segregação residencial e de sua cada vez mais complexa dinâmica, envolvendo a produção de novos espaços residenciais e a mobilidade intra-urbana”. Nesta escala de análise cabe, portanto, a identificação das áreas sociais. Ainda segundo este autor, o arranjo espacial das áreas sociais é complexo e influenciado por características como tamanho da cidade, aspectos econômicos, taxa de crescimento, sítio, plano urbano e políticas públicas.

O conceito de Áreas Sociais foi estabelecido no âmbito de uma crítica a Ecologia Humana, a qual reconhecia o conceito de “áreas naturais” dentro da matriz do darwinismo social. Shevky e Bell (1974,1955) propõem então um modelo de identificação de áreas socialmente homogêneas do ponto de vista interno e diferenciadas entre si no espaço urbano. Trata-se de uma tipologia de áreas intra-urbanas baseada em três fatores: posição social, urbanização/familismo e segregação. Tratava-se de relacionar a forma da cidade às características da sociedade que nela vivia.

Neste estudo, espera-se que a espacialização das três dimensões/fatores (status sócio-econômico, urbanização/familismo, segregação), originalmente propostos por Shevky e Bell (1974,1955) e aqui considerada para três conjuntos ou grupos de população (população não-migrante, migrante total e migrante recente), permita identificar “áreas de migração” diferenciadas.

Para os três grupos sociais pré-estabelecidos, as variáveis que permitirão a operacionalização deste estudo são as seguintes:

- 1 - Percentagem do Grupo Social com Rendimentos de até 1 salário mínimo em relação à População Economicamente Ativa do Grupo Social;
- 2 - Percentagem do Grupo Social com Rendimentos de mais de 20 salários mínimos em relação à População Economicamente Ativa do Grupo Social;
- 3 - Taxa de Desemprego do Grupo Social em relação à População Economicamente Ativa do Grupo Social;
- 4 - Percentagem do Grupo Social de Analfabetos Funcionais (até 4 anos de Escolaridade) em relação à População Total do Grupo Social;
- 5 – Percentagem do Grupo Social com mais de 11 anos de Escolaridade em relação à População Total do Grupo Social;
- 6 - Percentagem de domicílios do Grupo Social ligados à rede geral de abastecimento de água, à rede geral de esgotamento sanitário e atendidos por coleta regular de lixo em relação ao total de domicílios do Grupo Social;

- 7– Taxa de Ocupação das mulheres do Grupo Social;
- 8– Número de filhos tidos por mulher (Taxa de Fecundidade) do Grupo Social;
- 9 – Percentagem do Grupo Social Preta, Parda, Amarela e Indígena em relação à População Total do Grupo Social;

A seguir é apresentado um esquema geral (quadro 1) contendo os elementos propostos para a operacionalização dos referidos fatores.

Quadro 1

Proposição de Operacionalização dos Fatores para definição de “Áreas de Migração”

Grupos Sociais Fatores	População Não-Migrante	População Migrante Total	População Migrante Recente
Status Sócio-econômico	VNM 1 VNM 2 VNM 3 VNM 4 VNM 5 VNM 6	VMT 1 VMT 2 VMT 3 VMT 4 VMT 5 VMT 6	VMR 1 VMR 2 VMR 3 VMR 4 VMR 5 VMR 6
Urbanização e Familismo	VNM 7 VNM 8	VMT 7 VMT 8	VMR 7 VMR 8
Segregação	VNM 9	VMT 9	VMR 9

Organização: Becker e Vieira/GEPOP/Depto. Geografia/Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. 2009.

3. Primeiras considerações

A primeira questão a ser respondida é a que se refere à importância numérica do fenômeno migratório nos diferentes municípios da Região Metropolitana (Tabela 1) e nas diferentes áreas (APs) da cidade do Rio de Janeiro (Mapas 1 e 2). Para sua operacionalização considerou-se como variáveis básicas a percentagem de População Migrante Total em relação á População Residente Total e, a percentagem da População Migrante Recente em relação á população Migrante Total.

Uma leitura censitária ao nível das unidades municipais metropolitanas (Becker e Araújo, 2007) revelou que com exceção do Rio de Janeiro (29%), Paracambi (37%) e Queimados (39%), os demais municípios apresentaram valores superiores a 40%, destacando-se Maricá (56%), Guapimirim ((51%) e Itaboraí (51%) com as maiores participações relativas de migrantes. Por outro lado, se considerarmos a magnitude da população migrante municipal, observa-se que o Rio de Janeiro detinha aproximadamente 1.700.000 migrantes, seguida por Nova Iguaçu (377.166 migrantes),

São Gonçalo (350.350 migrantes), Duque de Caxias (315.180 migrantes), Belford Roxo (200.337 migrantes) e Niterói (200.107 migrantes).

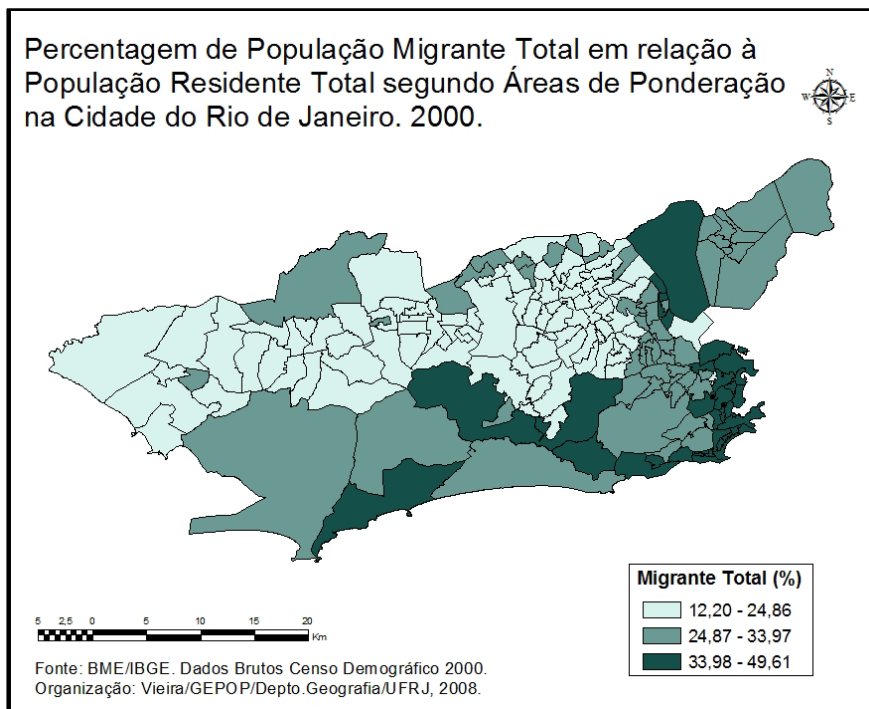
Já uma leitura ao nível das Áreas de Ponderação revelou um padrão de concentração dos migrantes nas áreas inseridas nos bairros da Zona Sul, Centro, além de Ilha do Governador, Jacarepaguá, Recreio dos Bandeirantes e Guaratiba (Mapa 1). Quanto à distribuição dos migrantes recentes, constatou-se que se concentravam em especial nos bairros de Jacarepaguá, Recreio dos Bandeirantes e Guaratiba (Mapa 2), ressaltando que essas áreas estariam passando à época, por um dinamismo do mercado de trabalho, especialmente no setor de construção civil, como reflexo da expansão do processo de condominização da Barra da Tijuca. Com relação à População Migrante Retornada, verificou-se que a mesma representava apenas 8,27% da População Migrante Total em 2000 (Tabela 1). Ressalta-se, todavia, que essa porcentagem representa um importante contingente populacional (141.373 pessoas).

Tabela 1

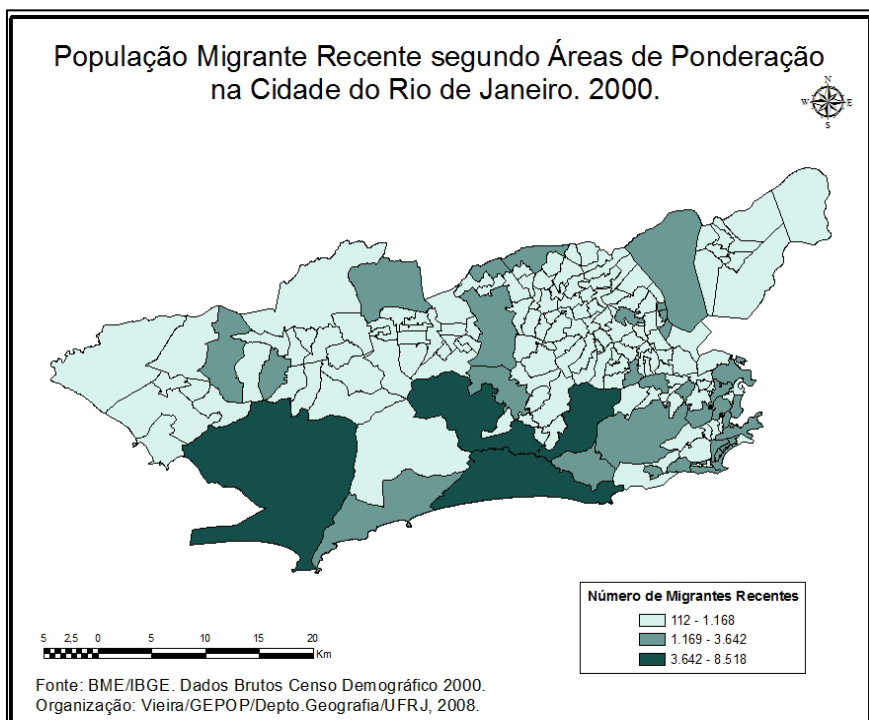
Municípios da RMRJ	População Residente Total	População Migrante Total		População Migrante Recente		População Migrante Retornada	
		Absoluto	%	Total	%	Total	%
Total RMRJ	10893585	3845554	35,30	514053	13,37	261824	6,81
Belford Roxo	434444	200337	46,11	30880	15,41	8628	4,31
Duque de Caxias	775424	315180	40,65	42209	13,39	16326	5,18
Guapimirim	37917	19423	51,23	4861	25,03	974	5,01
Itaboraí	187444	96330	51,39	20633	21,42	4349	4,51
Itaguaí	81971	38795	47,33	7451	19,21	2425	6,25
Japeri	83247	34819	41,83	6150	17,66	1407	4,04
Maquê	205800	85782	41,68	15380	17,93	5066	5,91
Mangaratiba	24875	11451	46,03	3313	28,93	549	4,79
Maricá	76710	42658	55,61	11503	26,97	1986	4,66
Nilópolis	153678	68187	44,37	9823	14,41	4768	6,99
Niterói	459422	200107	43,56	30704	15,34	19060	9,52
Nova Iguaçu	920568	377166	40,97	51926	13,77	18687	4,95
Paracambi	40440	15027	37,16	1928	12,83	1311	8,72
Queimados	121970	47759	39,16	7197	15,07	2416	5,06
Rio de Janeiro	5857876	1708922	29,17	187165	10,95	141373	8,27
São Gonçalo	891090	350350	39,32	47142	13,46	18864	5,38
São João de Meriti	449445	188661	41,98	26623	14,11	11577	6,14
Seropédica	65231	32273	49,47	6856	21,24	1416	4,39
Tanguá	26033	12327	47,35	2309	18,73	642	5,21

Fonte: GEPOP/ Depto. Geografia/ UFRJ, 2007.
Dados brutos IBGE/BME. Censo Demográfico 2000.

Mapa 1



Mapa 2



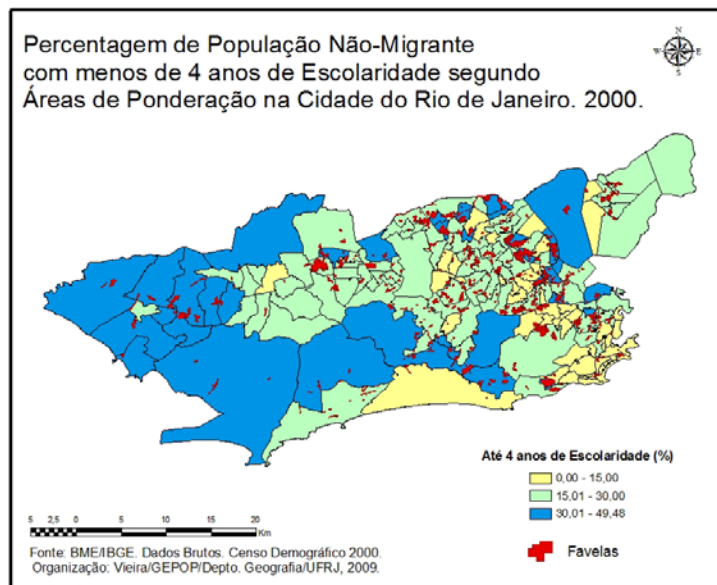
A segunda questão a ser considerada é a que investiga a existência de relação na cidade do Rio de Janeiro, entre a condição migratória e os fatores básicos propostos por Shevky e Bell (1974,1955). Para tal, procura-se identificar elementos (variáveis) que descrevam os referidos fatores, e que levem á caracterização de “áreas de migração”.

Buscou-se num primeiro momento, definir um número menor de variáveis (quadro 1) capazes de estabelecer diferenciação entre a categoria migrante e a não-migrante. Numa etapa seguinte será feita a comparação entre as categorias de migrante total e migrante recente.

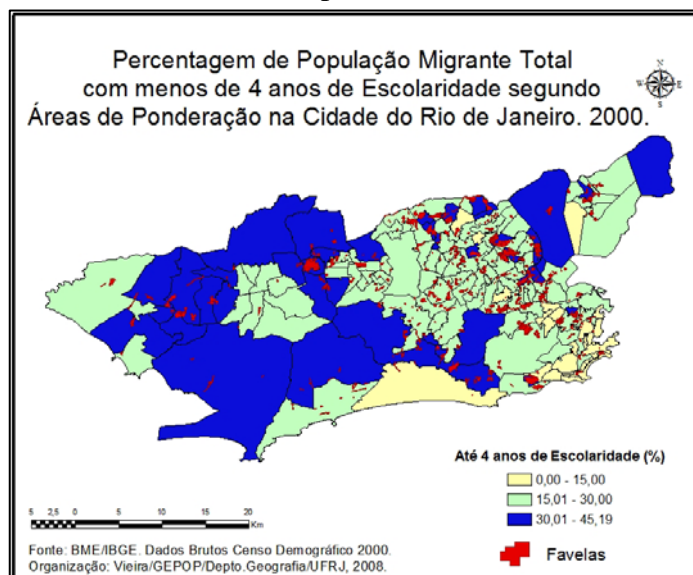
Algumas variáveis mais expressivas foram identificadas a partir do cálculo do coeficiente de correlação de Pearson. Numa etapa seguinte serão construídos gráficos cruzando pares de variáveis, considerando-se aquelas variáveis referentes ao fator status sócio econômico como as que possuem primazia na explicação das áreas sociais. Serão então cruzadas com variáveis da “urbanização/familismo” e com variáveis indicadoras de segregação. Os valores standartizados das variáveis serão comparáveis sendo possível assim, localizar no gráfico as áreas de ponderação agrupadas a partir das semelhanças e diferenças apresentadas, permitindo uma leitura de seu padrão espacial.

A seguir uma visão geral da espacialização de algumas variáveis consideradas importantes para a posterior definição de “áreas de migração”.

Mapa 3

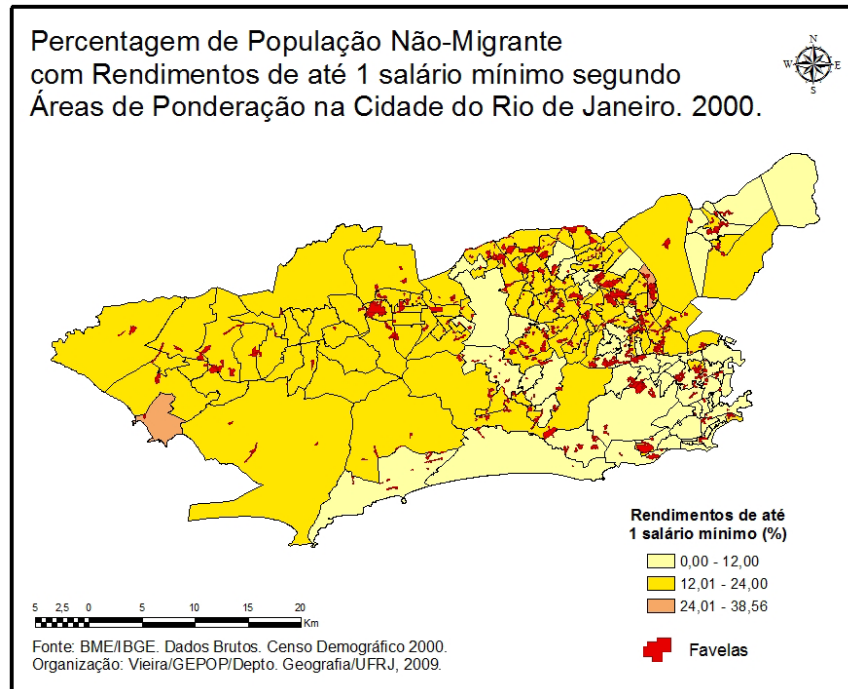


Mapa 4

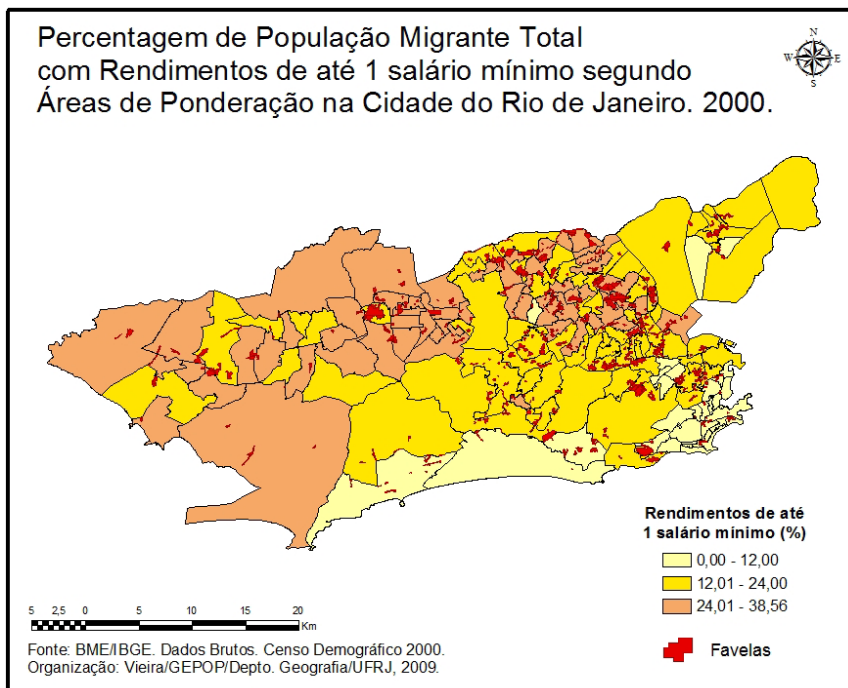


Com relação ao Nível de Escolaridade (Mapas 3 e 4) correspondente ao Analfabetismo Funcional (até 4 anos de estudo) percebe-se que os dois grupos em questão (Não-Migrante e Migrante Total) apresentaram um padrão semelhante de distribuição espacial, destacando-se uma maior concentração nas APs da Zona Oeste.

Mapa 5

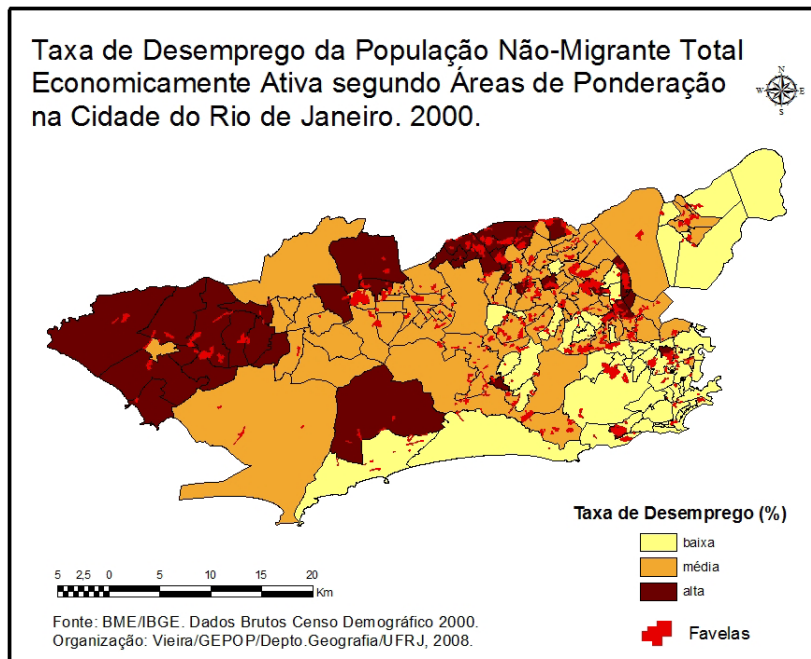


Mapa 6

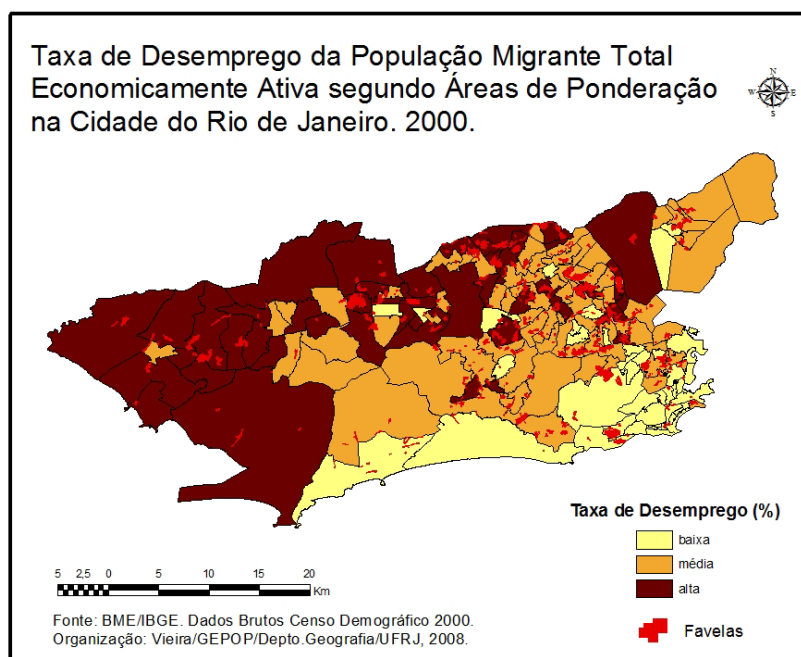


Ao se comparar a distribuição espacial da população com rendimentos de até 1 salário mínimo (Mapas 5 e 6), referente aos grupos Não-Migrante e Migrante Total, verificou-se que o grupo dos migrantes encontra-se em situação de desvantagem em relação aos não-migrantes, apresentando uma concentração em áreas correspondentes aos bairros das Zona Oeste e Norte da cidade do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que há uma nítida correspondência das áreas descritas com a presença de áreas de favelas.

Mapa 7



Mapa 8



A análise comparativa das Taxas de Desemprego da População Não-Migrante e Migrante Total (Mapas 7 e 8) revelou uma maior ocorrência de altas taxas de desemprego para a categoria dos migrantes, bem como uma maior concentração espacial nas áreas correspondentes aos bairros da Zona Oeste (Sepetiba, Santa Cruz, Cosmos), e ainda naqueles que fazem fronteira com outros municípios da região metropolitana (Pavuna, Ilha do Governador, Anchieta, Vigário Geral, entre outros). Convém destacar a ocorrência de áreas de favelas em grande parte das áreas detentoras de altos níveis de desemprego.

4. Para finalizar

- O presente estudo se constitui num esforço de identificação de “áreas de migração” a partir da consideração de proposições da teoria clássica as “áreas sociais”. É uma tentativa de transpor as bases teóricas da teoria das áreas sociais para o processo migratório, encontrando-se em fase inicial de operacionalização.
- A identificação de “áreas de migração” no tecido urbano metropolitano será buscada, considerando-se a dimensão “status socioeconômico” como discriminatória.. Será operacionalizada através da comparação entre a população não-migrante e as categorias de população migrante (total, recente), considerando-se seus atributos sócio-econômicos (instrução, emprego, renda) em relação ao espaço habitado.
- Uma análise preliminar da espacialização de algumas variáveis permitiu concluir pela existência de um padrão de concentração de migrantes recentes em especial nas áreas de ponderação referentes aos bairros de Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Guaratiba, além de bairros no Centro da cidade. Por outro lado, destacam-se áreas inseridas na Zona Oeste como lócus de grupos migrantes com baixo nível sócio-econômico.
- A combinação de características de baixas taxas de escolaridade e emprego aliadas a baixos níveis de renda e a inexistência ou fraca disponibilidade de serviços urbanos básicos poderão representar uma situação de “acentuada privação”, isto é, a existência de áreas de exclusão social.

5. Bibliografia Geral

Corrêa, R.L. 1997. Interações Espaciais. In: *Explorações Geográficas*. Organizado por I.E.Castro, P.C. Gomes e R.L.Corrêa. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.p.279-318.

_____ 2004. Análise de Áreas Sociais. Uma avaliação e Questões. Departamento de Geografia. UFRJ. (inédito).

_____ 2006. Diferenciação Sócio-espacial. Escala e Práticas Espaciais. Texto para Discussão. GEU-Grupo de Estudos Urbanos. Departamento de Geografia. UFRJ. (inédito).

Becker, O.M.S. e Paganoto, F. 2007. Migração e Pobreza na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: uma leitura espacial das desigualdades na década de 1990. *Anais V Encontro Nacional sobre Migrações*. NEPO. Campinas/SP. 15-17 outubro 2007.

_____ 2008. A população Migrante na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: uma abordagem espacial das desigualdades em 2000. *Anais XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. ABEP. Caxambu/MG. 29 setembro a 03 outubro de 2008.

Browett, John. 1984. On the Necessity and Inevitability of Uneven Spatial Development under Capitalism. *International Journal of Urban and Regional Research*, 8(2).

Davidovich, F. 2004. “A volta da Metrópole no Brasil: Referências para a gestão territorial”. In: *Metrópoles: Entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito*. Luiz César Queiroz Ribeiro (org). São Paulo. Ed. Perseu Abramo. Rio de Janeiro. FASE. p.197-229.

Lefebvre, H. (1976). *Espacio y Política*. Barcelona.Ediciones Península.

Marques, E. 2005. “Espaço e grupos sociais na virada do século XXI”. In: *São Paulo. Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. Eduardo Marques e Haroldo Torres (orgs.). São Paulo. Ed. Senac. P.57-99.

Morris, F. B. e Pyle, G.F. 1971. The Social Environment of Rio de Janeiro in 1960. *Economic Geography*, 47(2). Supplement, p.286-299.

Park, R. E. 1970. A Comunidade Urbana como Configuração Espacial e Ordem Moral. In: *Estudos de Ecologia Humana*. Donald Pierson (org.). São Paulo. Editora Martins S.A. 2 volumes. (original de 1925).

Santos, M. 1994. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo. HUCITEC.

Shevky, E. e Bell, W. 1974. Analisis de Área Social. In: *Estudios de Ecologia Humana*. G. A. Theodorson. Barcelona. Editorial Labor. 2 volumes, (original 1955).

Zorbaugh, H. W. 1970. “Áreas Naturais”. In: *Estudos de Ecologia Humana*. Donald Pierson (org.). São Paulo. Editora Martins. S.A. 2 volumes (original de 1926).